

Em quanto ao n.^o de gente, deixo a disposição de Vm.^{co}, e o pode regular segundo o que lhe for necessário para a execução das mesmas ordens, e para ir lançar as rossas nos lugares que Vm.^{co} determina, e ainda que as bandeiras se tenham adiantado, dahy-se lhes podem fazer os avizos para saberem aonde lhes ficão os mantimentos.

Ao Rio chamado de *Ubatuba* ⁽¹⁾, mande Vm.^{co} que chame de *Dom Luiz de Matheus* ⁽²⁾ daqui por diante: do mais que se me offerecer avizarey a Vm.^{co} nas cartas que se hão de seguir, em que heide responder a Vm.^{co} com mais extenção, mandar-lhe as Licenças para os Capellães poderem exercer os seus empregos, e as Patentes dos Officiaes.

Hé tudo quanto posso dizer-lhe na brevidade com que parte o portador, D.^s G.^o a Vm.^{co} S. Paulo a 20 de Agosto de 1769 ⁽³⁾.

P.^a o General do R.^{no} de Angolla

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r: — Meu Irmão e Snr' do meu Coração. Em 22 de Julho respondi largamente a carta de V. Ex.^a de 6 de Março em que me pedia o Mestre para a sua Fabrica de ferro ⁽⁴⁾, declarando a V. Ex.^a o mau estado em que se acha a desta Capitania para poder servir á V. Ex.^a com utilidade neste negocio: Agora responderei a de V. Ex.^a de 12 de

(1) Não se encontra nos mappas antigos existentes neste archivo o nome deste rio, que deve ser de pequena importancia.

(2) Era mania de D. Luiz Antonio dar o seu nome, sobre diversas formas, aos rios e povoações do Paraná; os nomes não *pegaram*, e dahi vem grandes difficuldades no estudo da geographia do tempo.

(3) Esta carta é anterior a outra acima; porém, aqui segue-se a ordem dos registros e não a ordem chronologica.

(4) Esta carta sobre a remessa de um mestre de fundição de ferro esta registrada neste livro; porém está tão estragada por agua que só um fragmento se pode ler e vai adiante publicado. (N. da R.)

Agosto deste presente anno, agradecendo a V. Ex.^a com todo o affecto as suas estimaveis noticias, que me servem de mayor allivio, e como as dezejo repetidas, buseo toda a occasião de alembrar a V. Ex.^a o meu cuidado tão justo, como se faz formidavel esse clima, de que D.^s N. S.^r prezerve a V. Ex.^a,

O desta Capitania está muito mudado da saude que tinha: o anno passado houve huma *Ipedimia de Hiviricias que horrorizava a vista, vendosse os homens transformados em defuntos com os olhos amarellos, e os rostos cheyos de nodoas denegridas* (1); neste há as mais terriveis bexigas, e malignas de que morrem muita gente, e só apellamos para o soccorro da Snr.^a da Penha que se foi busear em Procissão; e como já o anno passado fez suspender o flagello tãobem esperamos da sua mizericordia nos continue o mesmo effi-cassissimo remedio.

Ea tenho rezistido emté o presente sem me poupar ao trabalho, nem poder ter regularidade alguma para não faltar aos negocios a que me applico incessantemente; e suposto não tenho collhido todo aquelle fructo que desejava, hé porque achey esta Capitania em tal dezordem, que ainda necessita que trabalhem meus successores sobre o meu bem trilhado caminho para a poderem meter em proveito (2). Achey-a povoada de

(1) Esta epidemia já tem sido mencionada mais de uma vez; deve ser alguma forma de febre amarella importada, com as bexigas, da costa da Africa em navios negreiros. Os santos serviam de medicos e as procissões e promessas eram os remedios empregados.

(2) Deve o leitor ter em lembrança que os tres primeiros capitães generaes não vieram aqui rezidir, mas moravam em Minas Geraes; Rodrigo Cezar foi o Governador que installou em S. Paulo a séde da Capitania e governou de 1721 á 1727; seguiu-o Antonio da Silva Caldeira Pimentel de 1727 a 1732, vindo depois o Conde de Sarzedas, que governou até 1737, tendo fallecido em *Trairas*, territorio de Goyaz, em viagem á aquelle sertão. Houve então um interregno de 1737 a 1739, durante o qual S. Paulo foi interinamente governado pelo Conde de Bobadella. D. Luiz Mescarenhas governou de 1739 a 1748, quando Goyaz e Matto-Grosso foram desmembrados de S. Paulo e esta Capitania foi suprimida até 1765, sendo então restaurada pelo



Assassinos cujas mortes e violências me atroarão os ouvidos tanto que cheguei; as parcialidades, os roubos, a falta de Justiça herão comuns; tinha-a reduzido ao mayor socego, e tranquillidade, levantei as Tropas *apezar de todas as opozições dos gentios livres e acostumados a viver pelos mattos sem sugeição, ou civilidade alguma*; meti em ordem os Povos, fundei de novo muitas colonias, e estou fortificando a marinha, tudo sem dinheiro, porque esta Provedoria não tem o necessario para os pagamentos certos; mas graças a Deos tenho pago tudo; foi huma armada de sessenta canoas grandes providas de tudo o necessario para me defender pelos Rios, que são mares, e se navega por elles muitos mezes; tenho alargado os Certões, com os descubrimentos de oito expedições grandes, que formei, fazendo-as penetrar as Regiões que até agora não forão conhecidas, e as vou continuando com muito custo, e com grandes esperanças; melhorei muito a lavoura, mas não posso dar consumo aos fructos porque não tem sahida ⁽¹⁾, nem acho pessoas que se animem a fazer negocio para fora, porque quasi todos os mercadores andão arrastados; e confesso a V. Ex.^a que nesta parte ainda não descubri os meys necessarios, nem estou satisfeito do que tenho obrado.

A preguiça hé grandissima, e só V. Ex.^a pode comprehendela, que entendo encontraria a mesma por essas partes, e os mesmos naturaes do Reyno são os que mais a propagaõ ⁽²⁾. Tenho inventado alguns

marquez de Pombal. Durante estes 17 annos foi que o direito e a justiça desapareceram de uma vez e o crime campeava insolente por toda a parte; as finanças estavam arruinadas e D. Luiz Antonio teve de reorganisar todos os serviços publicos.

⁽¹⁾ Isto se passava em plena administração do marquez de Pombal. Faça o leitor idéa do que por aqui se passava antes da subida ao poder e depois da queda deste grande ministro!

⁽²⁾ Os gryphos não são do original; foram empregados para chamar a attenção do leitor para o lacto dos portuguezes serem aqui accusados de importar-nos até a *preguiça*, além da febre amarella e bexigas trazidas nos seus comboios de negocios africanos. (*N. da R.*)



traficos particulares, e fazem-se algumas manufacturas de algodão para a terra, mas a falta de sahida atraza tudo, e até me dezacredita nas minhas promessas. Os trabalhos, lidas, e afflições não são nada inferiores aos de V. Ex.^a, só na conservação da saude hé que levo a differença, mas não tanta que não experimente huma notavel decadencia de forças e a perda de ametade da vista com as applicações.

Este hé hum paiz riquissimo; não fallo só nas Minas, muitas Drogas, muito algodão; produz copiozamente, e no meyo desta abundancia não ha gente mais pobre, tudo geralmente está empenhado, e hé impossivel que paguem, ainda aquelles de mayores creditos pouco tem, os seus cabedaes estão em papeis que nunca hão de recadar; huma pequena divida porque os executem basta para os destruir; se morrem ficão os seus filhos a pedir ⁽¹⁾.

V. Ex.^a me diz que se tem admirado de que essa vastissima região que governa, facilitando-se todas as cômodidades, não avançasse té agora a agricultura, e confessa que ainda não pode perceber bem a cauza disto. Nestas imaginações tenho eu perdido noutes inteiras sem colher o sono, e paciado tardes cumpriadas na minha varanda sem poder afastar da memoria estas idéas, mas quazi que percebo as cauzas, ou pouco longe me acho dellas. A materia hé tão delicada que nunca me atrevi a declarar o meu parecer a pessoa alguma, e V. Ex.^a hé o primeiro a quem me rezolvo a communicalo, e ainda com bastante medo porque pela participação deste segredo posso atrair facilmente os castigos de Prometheo; só a V.

(1) Apezar do grande fundo de verdade contido nestas affirmações, havia muita gente rica em S. Paulo naquelle tempo. A fidalguia paulista da capital e do interior era toda abastada e mesmo rica. Os factos se applicam a burguezia somente. As entradas para a vida religiosa eram consequencia do estado do espirito publico, mais do que da pobreza do povo.



Ex.^a o direi debaixo de todo o resguardo necessario para que V. Ex.^a faça reflexão, e combine com que lhe succede, e me diga sinceram.^{to} o que lhe parece:

Se V. Ex.^a puzer na administração dos seu cabedaes, e das suas Quintas, homens insipientes, prezunhuozos, e que cuidem só na sua conveniencia, que poderá succeder?—Succederá que as ordens que V. Ex.^a lhes mandar, elles as mudem segundo a sua scientifica prezunção, em outra couza muito differente; que prezados de mostrar muito avultada a sua arrecadação, talvez cortem as arvores das Quintas que admnistração, e as vendão para lenha, para do producto dellas fazer monte de rendimento no seu tempo, que vendão igualmente os arados, e os outros instrumentos campestres, dizendo que as terras são inuteis só para pouparem o trabalho de as semear, e finalmente desconcertando tudo pela sua pouca experiencia, e pelo seu interesse em huma parte semearão discordias, em outra armarão bulhas entre os cazeiros, e tratando com huus, destrutando com outros, procurando fazer-se respeitar entre elles comerá de todos, e dará para se conservar alguns presentes ao Sur.^o da Quinta para que lhe vá prolongando a sua administração.

Pois isto mesmo hé o que estou vendo, os cabedaes de hum Estado são os Povos, as Quintas são as Capitánias e as Comarcas; os Feitores as Justiças: *a couza mais difficil que ha hé governar bem.*— *Vem o Ministro cheyo de letras, mas insipiente porque ray da eaza de seu Pay para Coimbra, e vem sem experiencia, e conveniente porque só vem fazer o seu lugar. Expede S. Mag.^e huma ley santa, e muito util, vê-a elle, e revolendo os seus lirros lhe dá taes voltas que lendo-a eu, que não sei direito, parece-me dizer huma couza, mas interpretada por elle que hé Doutor sôa outra couza muito differente porque a entende melhor e hé letrado.* Florecem os homens ricos, os moradores bem estabe-



lecidos que são as arvores, que com os seus cabedaes dão fructos copiozos nas Alfandegas, e nos Registos todos os annos; a hums por odios particulares que lhes ganhão de qualquer couza, a outros por zelo mal entendido da arrecadação da Real Fazenda, mais dias menos dias, lá lhe fazem huma penhora, e lá lhe levantão hum crime, lá lhe poem hum sequestro, e fica cortada a arvore para lenha, pagando por huma vez somente para o fisco o que podia contribuir repetidas vezes por muitos annos.

Sempre reparei que sendo a nossa Monarquia huma Potencia Maritima, tendo tanto ouro, tantas conquistas, tantos Portos de mar no Reyno, e nos seus vastos Dominios não se ache hum homem de negocio tão possante como muitos daquelles que ha em Olanda, e em outras partes, frequentemente, os que negoção são bastante em numero, e entre elles não falta industria, e fortuna; se examinar a cauza porque se não augmentão, achará V. Ex.^a muitos exemplos destes, ou daquelle mal entendido zello de Justiça que lá fez a penhora, lá fez o sequestro, lá levantou o crime, e com capa de rectidão o botou a perder, e cortou em verde a arvore que havia de ser muito util se crescesse.

Desde funesto principio, como de doença capital, nascem muitos males, os filhos dos homens de negocio escaldados de verem os trabalhos perdidos com que seus Pays adquirirão e de que nada lhes valeo para os não deixarem pobres, seguem vida tranquila e mais segura; por isso procurão, e conseguem meter-se pelos Conventos, e Ordenar-se para poderem passar a vida sem tropeços, e ex-aquí as cazas porque gira muito pouco negocio em quazi todas as terras, e se foge de semelhante vida.

Outro mal não menos pernicioso nasce do mesmo principio: *Sempre que ouvi gavar hum homem de verdadeiro, notei dizer-se que era Portugal o velho; antiga-*



mente governavão os Povos os Smr.^s de terras, e erão os que lhes administravão Justiça, estes Smr.^s sempre erão Fidalgos, homens grades, e independentes, obravão o que lhes ditava a sua consciencia (não fallo nas dezordens delles introduzirão); os Povos acostumados a huma rectidão constante não se afastavão da verdade,, *mas depois que se inventarão os lugares de letras, e da primeira intrancia, e se introduzio a rabulice dos Auditorios, fiados os Povos em q.' não ha mentira que se não possa justificar perderão de todo a verdade, e a vergonha, e encherão a Republica de euredos, e de perturbações;* para prova desta verdade basta entrar em qualquer Cartório, revolver os autos que nelle se processão, e se ficará convencido de tudo o que digo. Os Ministros, que devião atalhar esta dezordem, como tem emolumentos nas demandas que correm, e não nas que acabão, dão-lhe corda, queixão-se de que tem muito que fazer, e elles são os que o dão a todos.

Os Escrivães que rematão na pauta os Officios lanção mais os que mais em si se fião, precizamente não de tirar os Donativos, e o sustento, e fazem licitos todos os meyoos que a sua habilidade lhes administra, e como o interesse de haver muitas Appellações, e aggravos hé comum com os Ministros, todos se vão calhando, e vivendo a eusta do suor alheyo. *Estes Feitores são como a erva de passarinho que pega nas arvores; quanto mais florece a erva, mais seca a arvore:* Eu bem vejo que são grandes e notaveis os rendimentos dos Donativos dos Officiaes nesta America, mas são a raiz dos extraordinarios empenhos que tem os Ministros, sobre que se tem dado tantas e tantas providencias sem fructo, porque a cauza hé esta, e ainda existe.

Nestes empregos de Ministros, Letrados, Escrivães, Meirinhos, Solicitadores, e todas as mais pessoas deste genero, se occupa huma parte da melhor e mais esperta qualidade de Gente, ajuntando a estes os Frades.



os Clericos, e a Nobreza que não trabalha, como todos vivem dos ganhos dos Povos, fica huma modica parte, e da péor gente, e mais enerte para laborar, e para sustentar os que acima digo.

Este hé o motivo porque carecemos de tudo de fora, e não ha Officiaes peritos porque só ficão nestas deprezadas occupações aquelles homens que não podem conseguir as outras mais graves ⁽¹⁾, e ainda destes muitos as deixão para seguir aquellas que são mais ociozas, e mais suaves em que governão os outros, e se sustentão á custa alheya.

Para florecer o negocio me parece serem couzas muito necessarias a verdade e união, aquella já se vê que anda desluzida pelos infinitos meyo que se admitem de acreditar a mentira nos Auditorios, e esta vay igualmente perdida porque se fundamentão os Odios, e as vinganças por meyo da má administração da Justiça, já admitindo crimes falços, já eternizando contas, duvidas de demanda, querellas, e outras couzas com que quasi todos se andão malquerendo: *Nas Praças do Porto, e de Lisboa vejo apparecerem todos os dias a hora certa todos os mercadores das Nasções Mestras do negocio; aos Portuguezes não os vejo, todos fogem huns dos outros, faz cada hum o seu negocio só em particular, e por isso muito mal.*

(1) D. Luiz Antonio tinha razão exhibindo o contraste entre o commercio e industria da Holanda com os de Portugal; porém, está um pouco fora da verdade quando diz que a falta de industria e commercio em S. Paulo era toda devida a má administração da justiça. Essa falta provinha do despotismo colonial em primeiro logar, do sequestro da liberdade de commercio, que fazia apodrecerem nos armazens os productos nacionaes; vinha em seguida o militarismo que retirava da lavoura os melhores braços e as melhores cabeças, a ponto que as populações tinham em toda a parte maioria de mulheres sobre os homens, e em ultimo logar vinha a escravidão dos negros e dos indios matar todo o estímulo de progresso. Para a nobreza da terra ser limpa e pura era preciso que nenhum dos seus membros tivesse exercido officio mechaucico, que era deixado aos escravos e aos indios ou mamelucos.

(N. da R.)



As Camaras das terras, hé outro fantasma da Justiça que nada vale, quem faz estas são certos magnates muitos máos que andão cuidando nisto, para fazerem Juizes da sua parcialidade ⁽¹⁾, e por meyo delles botarem a perder a quem lhes parece, tirarem dinheiro dos cofres, penhorarem a quem tem odio, e elles nunca pagarem, nem serem penhorados, e muitas vezes fazerem suas mortes, e por meyo dos mesmos Juizes, e testemunhas do seu sequito, não só ficarem livres nas devaças, mas sahirem no seu mesmo delicto culpados alguns innocentes a quem querem mal, e ficarem-se vingando justamente delles, botando-os a perder ⁽²⁾. Estas Camaras feitas pela introposição desta casta de poderozos não serve de outra utilidade nas terras mais que de authorizar e conservar naquelle despotismo aos mesmos que as fazem. Estes metem-se logo com os Ministros que dependem daquellas parcialidades para tãobem fazerem o que querem, e ficarem muito bem nas rezidências, e como apurão as pautas fazem para Officiaes das Camaras não os homens bons das terras, mas os dependentes e parciaes dos homens máos para os ajudarem nos seus dezignios.

Daquí nasce que raras vezes são as contas das Camaras verdadeiras, os taes Vereadores são de or-

⁽¹⁾ Por occasião da eleição dos vereadores, que eram tres, o povo elegia tambem o procurador e dois juizes. Vide termos de eleição no vol. III.

⁽²⁾ D. Luiz Antonio cae aqui em evidente contradicção com o que disse logo no começo desta carta. Affirma elle que dantes havia justiça e moralidade porque os povos eram governados pelos fidalgos, senhores da terra, e não havia juizes togados, e agora grita contra as camaras e os juizes, eleitos pelos fidalgos da terra, a pretexto de que são instrumentos destes mesmos fidalgos para exercerem vinganças, calotear credores, etc. O facto é que as camaras municipaes, apesar da sua falta de autonomia, era um órgão popular, repetia e levava ao governo as queixas do povo, que por seu intermedio chegavam até aos ouvidos do rei em Lisboa. Era uma corporação importante para os governadores, que só enxergavam nella defeitos.

O mesmo se dava com os juizes eleitos, que, como os vereadores, pertenciam sempre a melhor gente do logar.

(N. da R.)



dinario huns pobres, aSignão aquillo que lhes inventão os seus factores, e o que convem as suas particulares conveniências. Do Governo das terras nada se cuida; se as Ordens dos Generaes os molestão por seu bem, já fervem as contas ⁽¹⁾, tomando por pretexto o clamor do Povo, e não hé mais do que a voz daquelles poucos que trazem atropelado o mesmo Povo.

Passando o Governo Civil da America por taes mãons, e com taes interesses não hé para admirar que vá tudo perdido. As Leys são Santas, não ha nellas nada que mudar, nos executadores sim ha muito que reformar. Enquanto V. Ex.^a não vir mudança neste particular me parece que se não poderão aperfeçoar os progredos das outras deligencias. Em tudo quanto tenho intentado para bem destes Povos, e para fazer observar as Leys, e Ordens de S. Mag.^e os mayores Opostos que sempre encontrei forão os Doutores das mesmas Leis; para elles vale mais o que diz Pegas ou Barboza do que o que se manda pela Secretaria do Estado. Tudo para elles tem limitações.

Se eu tivera juizo para poder fallar nesta materia que hé muito superior a minha comprehensão, havia de dizer que em todas as Capitánias se abolissem as Thezourarias, e se fizessem hum cofre geral de todos os dinheiros publicos, e na prezença da Junta para que se tirasse a utilidade particular de remeicher estes dinheiros, que no mesmo cofre se fizesse hum depozito de todas as Custas e Selarios que pagão as partes, e que dali fossem pagos os Ministros, Escrivães, e Letrados, de ordenado certo, e inalteravel, sem poderem receber mais couza alguma, que aSim

(1) Aquí se dá o nome de *contas* ás queixas que as camaras municipaes da capitania davam ao governo de Lisboa contra as arbitrariedades e violencias dos capitães-generaes, que em regra eram mais realistas do que o proprio rei. (N. da R.)



se acabavão logo tantas demandas, tantos crimes, tantos enredos, e se poupava muito tempo, e muito dinheiro, tudo de huma vez.

Os Ministros são necessarios, e hé preciso que os haja, mas parecia-me que seria util que julgassem, e despachassem na presença de huma Junta, ou de hum Prezidente dezenteressado que visse, e emendasse o que fosse menos acertado. Quizera eu para as Conquistas Generaes muito prudentes ⁽¹⁾, muito caritativos e sobretudo independentes, e dezenteressados, e *que sendo aSim tudo delles dependesse*, que se não fizessem penhoras, nem sequestros sem a sua aprovação; que na sua presença se apurassem as pautas, e se ellegessem os que havião de servir nas Camaras para que fossem os bons das terras, não digo que fizesse tudo por sua mão, que isso seria outra dezordem, mas queria que tudo fosse por sua ordem, que de tudo se lhe dêsse conta, e que elle dêsse conta de tudo.

Os homens não obrão o mal senão na esperança de escaparem ao castigo; quando aquí cheguei ⁽²⁾ tudo ardia em mortes violentas, havia muitas devações, e emenda nenhuma; levantei as Tropas, e passei ordem logo que succedesse morte tomassem os caminhos, e prendessem os delinquentes; não foi necessario prender muitos, porque a prompta execução, e o castigo das Galés bastou para que se emendasse huma Capitania ferocissima. Tanto que as discordias alheyas não redundarem em beneficio particular, e se castigarem os trapaceiros, logo se hão de acabar as conten-

⁽¹⁾ Capitães-generaes caritativos e desinteressados eram cousa rara no Brazil, a maioria delles tratava de explorar a colonia em beneficio da Casa Real e alguns eram gaturcos como Caldeira Pimentel, framente perversos como Martin Lopes e assassinos devassos como Bernardo José de Lorena.

⁽²⁾ D. Luiz Antonio chegou em S. Paulo em meado de 1765 e tomou posse do governo a 22 de Julho do mesmo anno. (*N. da R.*)



das, e o Povo desocupado da idéa das paixões, e dos odios, hade cuidar na arrumação da sua vida, e ter cabedal para promover as suas lavouras e manufacturas.

Eu estou neste pensamento, não sei se me engano, só a V. Ex.^a hé que o comunico, que até agora ainda me não atrevi a participalo á mais ninguem; espero que V. Ex.^a queime logo este papel ⁽¹⁾, me diga se quizer o seu parecer porque desejava ter a satisfação de o ouvir nesta difficultozissima materia, em que tenho consultado muita gente sem que té agora achasse ter lembrado este ponto, e como hé original meu, e de tão fraco juízo o julgo por hum desparatado dezaerto. V. Ex.^a me perdoe, e me desculpe, e guarde aquelle segredo tão necessario q. logo ao principio lhe pedi. D.^s G.^o a V. Ex.^a m.^s a.^s S. Paulo a 3 de Novembro de 1769. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho ⁽²⁾. — D. Luiz Antonio de Souza.

Fragmento da carta sobre a mina de ferro do Ypanema

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sur.: — Depois
deste presente anno de
em que se achava a Fabrica pela in-
suficiencia adiantadas até o pre-
zente, e suposto ado as esperiencias
e melhorado *alguma couza as fundições* ainda se não
tem alcançado o *verdadeiro conhecimento do ponto* em
que se deve queimar *a pedra para a boa produção*
do ferro ⁽³⁾.

⁽¹⁾ Queimar esta carta em Angola e deixal-a registrada em S. Paulo parece um pouco de incoherencia; ou o auctor expandia-se para desabafar-se e não tinha muita confiança na pessoa a quem se dirigia.

⁽²⁾ Francisco Innocencio de Souza Coutinho foi o desastrado diplomata que oito annos depois assignou, com o Conde de Florida Branca, o tratado de Santo Ildefonso; que vai publicado na vol. XVII.

⁽³⁾ Os pontos representam a parte estragada do manuscrito e os gryphos as interpolações que julgamos dever fazer nos logares em que facilmente pudemos completar o sentido da phrase. (N. da R.)

